

Notícia impopular de 'O Homem do Povo'

AUGUSTO DE CAMPOS
Especial para a Folha

"No fundo de cada Utopia não há somente um sonho, há também um protesto. Não é outro o sentido do grande estudo de Karl Mannheim intitulado Ideologia e Utopia, esse de que, ao contrário da ideologia que procura manter a ordem estabelecida, toda utopia se torna subversiva, pois é o anseio de romper a ordem vigente." Assim se expressaria Oswald de Andrade em A Marcha das Utopias, série de artigos que escreveu para "O Estado de São Paulo" em 1953.

Desde 1945, Oswald se distanciara do marxismo, retomando e aprofundando os temas da Antropofagia, a "filosofia do primitivo tecnicizado" que ele denunciara em 1928 com o Manifesto Antropofágico. Em sua tese para concurso da Cadeira de Filosofia na USP (1950) — A Crise da Filosofia Messiânica — não tem dúvida em afirmar: "As premissas de Marx vieram produzir a atualidade da URSS. É que o estado de negatividade, o segundo termo de Kojève, que devia ser superado, consolidou-se no sectarismo obreiro."

E logo adiante: "Mas o mundo mudou. O que era Messianismo, fenômeno de caos na sucessão de crises de conjuntura que deu afinal a crise de estrutura do regime burguês, tornou-se sacerdotício empedernido e dogma imutável na URSS. Houve uma grosseira escamoteação do problema. Evoluída a classe trabalhadora, perdidos os seus contornos, a ditadura de classe se substituiu pela ditadura de partido. O fenômeno que deu o fascismo instalou-se no coração revolucionário da URSS e produziu o colapso de sua alta mensagem."

A certa altura de sua crítica ao comunismo, assevera, caustico: "Quem poderia prever, quem ousaria sonhar que o Messianismo em que se bipartiu a religião de Cristo (Reforma e Contra-Reforma) iria medrar no terreno safário das reivindicações materialistas do marxismo? (...) Pelas condições históricas do progresso técnico o trabalhador deixou de ser o pilar das teses românticas de Marx. Mas a autocrítica desapareceu. Toda a crítica naufragou no sectarismo. O perfeito militante é o mesmo boneco farisaico do puritanismo — socrático ou americano — que se apresentou ao mundo para edificá-lo, pedante, cretino, faccioso. E não seria mais estranho ouvirmos uma noite, pela boca universal da Rádio-Moscou, que foi proclamado o Dogma da Inmaculada Revolução."

Ao eclodir a crise econômica dos anos 30, vemos, no entanto, o criador da anárquica e inventiva utopia antropofágica — colhida num "melting pot" de Marx, Freud, Keyserling e Modernismo na caldeirada mitoa-antropofágica do Matriarcado (Bachofen via Engels e Nietzsche) — renegar o "sarapangão antropofágico" e optar pelo alistamento partidário, disposto a transformar-se em humilde "casaca de ferro na Revolução Proletária", como está no prefácio de Serafim Ponte Grande.

Em 1931, ele e Patrícia Galvão (Pagu), então casados, alistam-se no Partido Comunista. A história desse momento ideológico na vida de ambos ainda está por ser amiudada. Mas nem um nem outro pareciam ter sido levados muito a sério pelos políticos ortodoxos. O militante Leônidas Basbaum, em suas memórias (Uma Vida em Seis Tempos, 1976), recordando o ano de 1932, assinala, preconceitivamente, "a infiltração de intelectuais e membros das classes médias" no Partido (era a época da "proletarização" do PC, em que os intelectuais eram vistos com suspeita): "Um desses elementos — relembra Basbaum — podemos dizer perniciosos, era uma moça (poetisa) chamada Pagu, que vivia, às vezes, com Oswald de Andrade. Ambos haviam ingressado no Partido, mas para eles, principalmente para Oswald, tudo aquilo lhes parecia muito divertido. Ser membro do PC, militar ao lado de operários 'autênticos' (tipo Miguel), tramar a derrubada da burguesia e a instauração de uma 'ditadura do proletariado', era sumamente divertido e emocionante."

Incipiente como é, o depoimento surge de mesquinhez e de irritação quando se sabe que as atividades partidárias de Patrícia lhe valeram anos de prisão, marcados pela doença e pelo sofrimento ("dez anos que abalaram meus nervos e minhas inquietações, transformando-me nesta rocha vinculada de golpes e de amarguras, destroçada e machucada, mas irreduzível", diria ela numa crônica de 14-10-52, em "Fanfulla"). Mas é talvez sintomático do desencontro que se verificaria fatalmente entre as personalidades originais e criativas de Oswald e Pagu e as mentalidades mais subversivas que subversivos dos adeptos por assim dizer religiosos dos credos políticos e suas palavras de ordem.

Das últimas prisões, que a segregariam por quatro anos e meio, a partir de 1935, Pagu só voltaria à liberdade em 1940, já desvinculada do PC. O desencanto com os comunistas a levaria a tornar-se uma aguerrida crítica de sua doutrina e de sua política cultural ("Saio de um túnel" — diz ela no prefácio do panfleto Verdade e Liberdade (1950), em que expressa drasticamente o seu repúdio ao comunismo, candidatando-se pelo Partido Socialista Brasileiro à Assembléia Legislativa do Estado — "tenho várias cicatrizes mas ESTOU VIVA").

Mesmo no período inflamado dos anos 30, o alistamento de Oswald não se faz sem contradições e rebeldias. Dessa época é a publicação de Serafim Ponte Grande (1933), que ele terminara de redigir em 1928 e bastaria a menção a esse livro incatalogável para situar o engajamento oswaldiano mais sob a

O HOMEM DO POVO

ano I são paulo, 31 de março de 1931 num. 3

a cidade, o país, o planeta

os músicos do Titanic
Pela liberdade de pensamento
o concurso do homem do povo

TACO A TACO

polícia e prostituição trocam-se galanterias
homemagem ao talento



Fac-símile do jornal, exemplar de número 3, com artigo de Oswald de Andrade

ótica da anarquia do que de uma disciplina religião de Estado. Mais ortodoxa é, a princípio, a posição de Patrícia — como se vê do seu "romance proletário", Parque Industrial, publicado no mesmo ano do Serafim e influenciado por sua linguagem telegráfica, mas limitado por uma visão simplista dos conflitos sociais — embora, dentro de pouco tempo ela já se alinhe na dissidência trotskista, que cindiria o Partido.

O Homem do Povo, lançado em 1931, é um registro da fase mais sectária e enraçada da atuação política de Oswald e Pagu, numa primeira postura de adesão quase incondicional às "verdades" partidárias e ao proselitismo do PC.

Em 1931, ele e Pagu, então casados, alistam-se no Partido Comunista

Trata-se de um jornal panfletário, de um assumido pasquim político, que teve curtíssima duração — apenas oito números. Em formato tabloide, 48 por 34 cm, com seis páginas e títulos desenhados em letras "art déco", a publicação apresentava como editor Alvaro Duarte e como secretários Pagu e Queiroz Lima, sob a "direção do homem do povo". Oswald assinava os editoriais, que também apareciam com a rubrica de O Homem do Povo. A sede da redação ficava no Palacete Rolim, à Praça da Sé, nº 9-E.

Programado para circular às terças, quintas e sábados, conforme se lê no anúncio da última página do número 2, o jornal teve as seguintes publicações: nº 1 (sexta-feira, 27 de março); nº 2 (sábado, 28 de março); nº 3 (terça-feira, 31 de março); nº 4 (quinta-feira, 2 de abril); nº 5 (sábado, 4 de abril); nº 6 (terça-feira, 7 de abril); nº 7 (quinta-feira, 9 de abril); e nº 8 (segunda-feira, 13 de abril). Paradoxalmente, o povo não leu O Homem do Povo. Leram-no alguns intelectuais, os estudantes de Direito... e a polícia, que acabaria proibindo a sua circulação após a ocorrência, nos dias 9 e 13 de abril, de graves incidentes com os estudantes, que tentaram por duas vezes empastelar o jornal por causa de dois editoriais considerados ofensivos à tradicional Faculdade do Largo de São Francisco.

As manchetes e legendas de fotos das reportagens da época formam um expressivo ideograma dos acontecimentos: "UM JUSTO REVIDE DOS ESTUDANTES DE DIREITO AOS INSULTOS DE UM ANTROPOFAGO Oswald de Andrade, que classificou a Faculdade de Direito como sendo um 'cancro' que mina o nosso Estado, foi agredido e quase lynchado em plena Praça da Sé/ Foi preciso que os soldados de prontidão na Central se movimentassem para impedir o lynchamento/ Os estudantes que se dispuseram a aplicar o correctivo no escriptor Oswald de Andrade" ("Folha da Noite", 9 de abril de 1931). "NA PRAÇA DA SÉ o diretor e a secretária do 'Homem do Povo' foram agredidos" ("A Gazeta", 9 de abril de 1931). "OFFENDIDOS PELAS COLUMNAS DO 'O HOMEM DO POVO' OS ESTUDANTES DE DIREITO AGREDIRAM O DIRECTOR DO JORNAL/ Foi também vítima de agressão a esposa

Folha da Noite

S. Paulo — Quinta-feira, 9 de Abril de 1931

UM JUSTO REVIDE DOS ESTUDANTES DE DIREITO AOS INSULTOS DE UM ANTROPOFAGO

OSWALD DE ANDRADE, QUE CLASSIFICOU A FACULDADE DE DIREITO COMO SENDO UM "CANCRO" QUE MINA O NOSSO ESTADO, FOI AGREDIDO E QUASI LYNCHADO EM PLENA PRAÇA DA SÉ

Oswald de Andrade, com 31 anos de idade, residente à rua dos Ingleses, nº 11, pelas colunas de um jornalzinho que edita, classificou hoje a Faculdade de Direito, como um cancro que mina a existência e patrimônio do nosso Estado.

A liberdade inedita do jornalista, que atacou, sem razão, o vasto e glorioso edifício, de onde, anualmente, uma plêiade de moços sae trazendo nos olhos a fagulha de inteligência sadia e brilhante e segue à conquista de grandiosas ideias, provocou, como



Quinta-feira, nove de abril de 1931: o "anthropophago" em perigo

homem do povo, que trabalha, que sai cedo de casa para a fábrica, a oficina, o escritório, o armazém, só dispõe para tanto dos poucos minutos da viagem de bonde, e o que lhe importa são as notícias rápidas, concisas, concretas. É o que este novo jornal, que além de novo é pequeno e não pretende chegar a venerando, vai fazer, nesta página, sumariando em quatro linhas os acontecimentos mundiais da véspera. Aurelino Corvo promete, em suma, "o suco dos telegramas", em sintaxe modernista ("O mundo em convulsão. Combustão. Vulcão. Revolução.") e em semântica antropofágica ("Notícias que estimulam o apetite de estômagos sólidos e saudáveis. Para dentes de homens do povo. Carniça gostosa.")

Além de responder pela seção A MULHER DO POVO, na qual criticava, de um ponto de vista marxista, em linguagem desabrada, as "feministas de elite" e as classes dominantes nos artigos Maltus Alêm, A Baixa da Alta, O Retiro Sexual, A Garupa do Príncipe, Liga de Trompas Católicas, Saiba-se Maricões, Guris Patri-Opas, Normalinhas, Pagu assinava a "Correspondência", onde polemizava com leitoras (supostas ou verdadeiras), conforme a convocação-provocação do nº 4: "As leitoras. Recebemos colaboração de qualquer pessoa mesmo de ideologia diferente. Estabelecemos polémica no próprio jornal. Que apanhá pula aqui. Correspondência para Pagu." Ademais, era a autora das ilustrações, charges, vinhetas, títulos e legendas, como o atesta a comparação com os desenhos do Álbum de Pagu, da Revista de Antropofagia e de outras fontes da época.

Dos desenhos publicados em O Homem do Povo apenas alguns eram assinados sob o pseudônimo "Peste". Ela criou, também, uma história em quadrinhos, que aparece em todos os números: Malakabeçam Fanika e Kabeluda —, com três personagens, um casal e uma sobrinha revolucionária. O cartunista não era identificado; no nº 6 surge, porém, no canto direito do último quadrinho, o característico "P" de Patrícia, Pagu e Peste, confirmando a autoria.

O clima do jornal é de ostensiva provocação. Ataques aos imperialistas, louvores à União Soviética, insultos às autoridades, violento anticlericalismo... Intermináveis gozações com o príncipe de Gales, então em visita ao nosso país, carregado e caricaturado desde o primeiro número (S.A. Manifesta-se Favorável ao Afundamento do Brasil). Nessa mesma edição lança-se o 1º Concurso do "Homem do Povo" — Qual é o Maior Bandido Vivo do Brasil? —, que começa a ser apurado a partir do quarto número, incluindo, entre os mais votados, políticos, industriais, eclesiásticos, e até o secretário da Segurança Pública, ao lado de Lampião e Meneghetti e do próprio Oswald e gente da sua roda como Jayme Adour da Câmara. Com tantas irreverências, não é de admirar que O Homem do Povo chegasse ao oitavo número? Só a sua pequena circulação pode explicar que tenha passado incólume pelos curtos deztoitos dias de sua existência...

Como se sustentava o jornal? Provavelmente Oswald o financiava. Alguns anúncios surgem repetidamente — Antártica, A Brasserie Paulista, Café Paraventi. Mas serão para valer? Dentre eles, há os que parecem totalmente estranhos ao contexto do jornal, como aquele que

Este texto, do poeta e crítico Augusto de Campos, será publicado com abertura de uma edição em fac-símile de "O Homem do Povo", preparada pela Imprensa Oficial do Estado de SP — e pelo Arquivo do Estado.